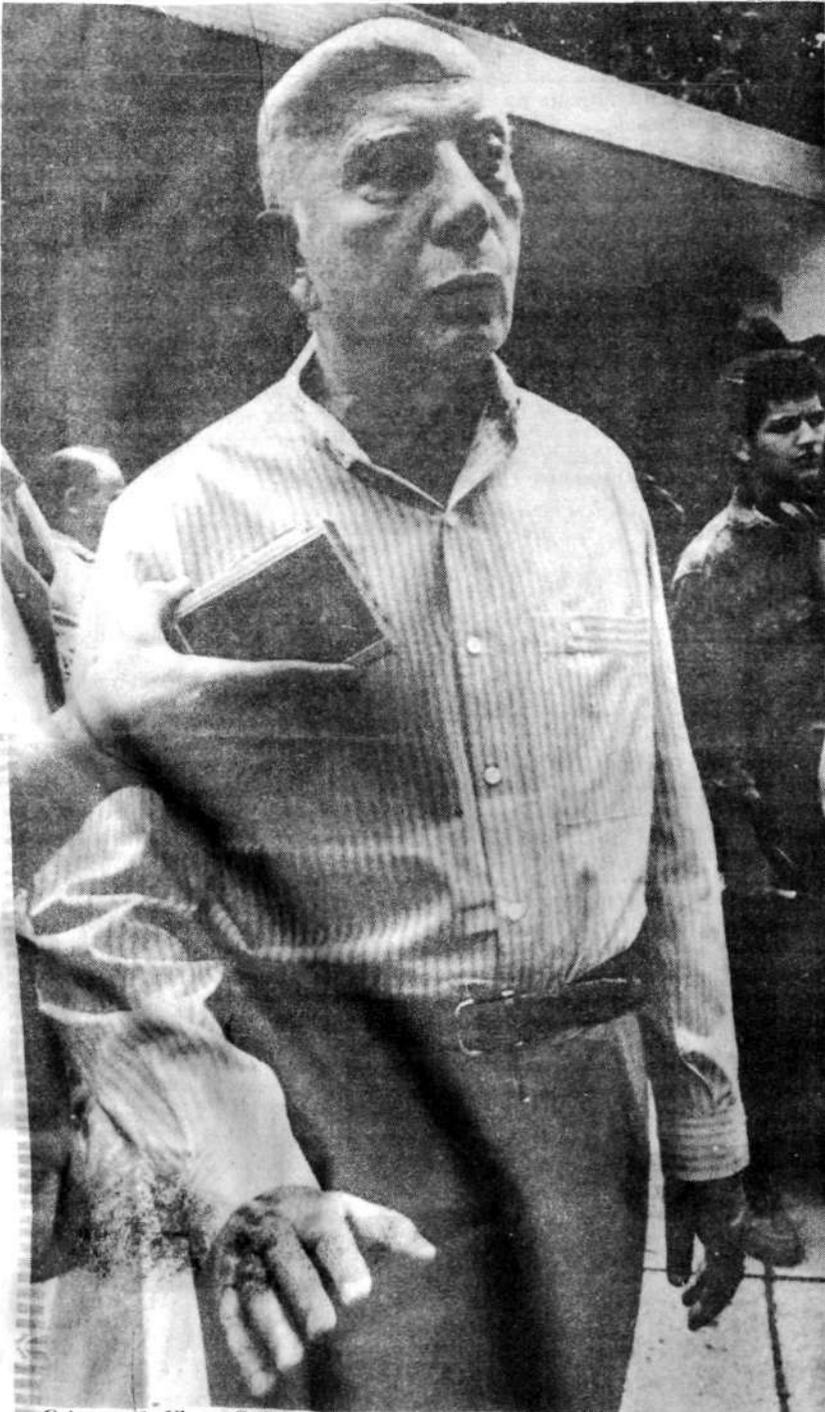


*Sistema de governo***Ulysses passa o dia em consultas a ministros militares**

Luiz Novaes

O deputado Ulysses Guimarães dá entrevista em frente à sua casa em Brasília

Da Sucursal de Brasília

“O Congresso constituinte deve ouvir, meditar e pesar as opiniões de todos os setores que têm força junto à sociedade.” A afirmação é do presidente do Congresso constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, ao ser indagado se as negociações sobre o mandato do presidente José Sarney e o sistema de governo envolviam também os ministros militares. Logo depois de dar esta declaração Ulysses foi até a casa do ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, onde permaneceu por quase uma hora, a partir das 11h50. Em seguida, foi à casa do ministro da Aeronáutica, Moreira Lima.

Para o ministro, que falou à imprensa após o encontro com Ulysses, a realização de eleições este ano representam um risco para o país, com a paralisação da administração e das negociações da dívida externa.

Segundo ele, a posição dos militares a favor dos cinco anos de mandato para Sarney é antiga e trata-se de uma postura de governo. “Porém, a soberania da Constituinte é inquestionável: a decisão final ficará a cargo da consciência de cada constituinte. A manifestação pelos cinco anos não significa imposição”, afirmou. Segundo o ministro, os militares não fazem restrições ao sistema de governo: “Pode ser presidencialista, parlamentarista ou um sistema misto”.

Consultas

Ulysses disse que continuará consultando todas as lideranças políticas e também os governadores sobre a questão do mandato e sistema de governo, cuja votação pelo Congresso constituinte deverá ocorrer até o final da próxima semana. Segundo ele, todas as informações são importantes, pois considera que estes temas são “fundamentais”.

Ele não quis revelar qual a tendência dos parlamentares para a votação do sistema de governo. Afirmou que um acordo sobre estas questões será difícil, mas “não

impossível”. Segundo Ulysses, todas as questões polêmicas têm sido superadas através de acordos entre os partidos e suas lideranças. Acrescentou que a possibilidade da votação do mandato e sistema de governo cair no “buraco negro”, “é uma invenção muito engenhosa, que corresponde, na verdade, a uma terceira votação”. Disse ainda esperar que o “buraco seja para sair e não para enterrar”.

Reunião

Na noite de anteontem, em reunião na casa do presidente do Congresso constituinte, os líderes do PMDB não chegaram a um acordo para a adoção do parlamentarismo a partir de 1º de janeiro de 1989 e de um mandato de cinco anos para Sarney. Embora não tenha defendido esta fórmula, Ulysses a expôs, dizendo ter constatado um movimento entre militares, empresários e constituintes neste sentido.

Dos dez peemedebistas presentes à reunião, o senador Mário Covas (SP), líder no Congresso constituinte, fez a defesa mais enfática em favor do mandato de quatro anos independente do sistema de governo a ser aprovado. Ficou patente que o grupo não quer uma negociação conjunta do sistema de governo e do mandato presidencial.

Contra o acordo

Por quase quatro horas, até as 13h de ontem, os senadores Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado, e Nelson Carneiro (RJ) aliaram-se aos deputados Egídio Ferreira Lima (PE), José Serra (SP), Nelson Jobim (RS), Nelson Wedekin (SC), Pimenta da Veiga (MG), Artur da Távola (RJ) e Virgildásio de Senna (BA) contra a tentativa de “acordão”.

Diante da opinião pública a defesa de “parlamentarismo com cinco anos vai parecer oportunismo do PMDB”, disse Serra. Se aprovada esta fórmula, caberia a bancada peemedebista —majoritária no Congresso Nacional— a indicação do primeiro-ministro. “O PMDB não pode abrir mão de seus compromis-

tos históricos. Vai ser um desgaste muito grande”, completou Távola.

Os líderes do PMDB manifestaram também “insegurança generalizada” quanto à objetividade desta fórmula conciliatória. Ulysses disse ao grupo que não dispunha de informações sobre o atual posicionamento de Sarney. “Não temos segurança de que um acordo agrade a todos os setores que gravitam em torno do governo”, disse Távola.

Em vezes anteriores, principalmente às vésperas da votação do tema pela Comissão de Sistematização, interlocutores do Planalto acenaram com a possibilidade de um acordo que acomodasse os interesses dos constituintes do PMDB e do presidente Sarney. “Eles sempre roeram a corda”, afirmou Serra.

Negociações

Ainda hoje ou nos próximos dias, Ulysses deve se encontrar com

Sarney. Durante a conversa com os peemedebistas, ele disse que ainda não procurou o governo porque “não tem uma visão clara de todas as tendências” e porque “não há uma hipótese única a ser negociada”.

Embora tenha reconhecido que a maioria da bancada do PMDB apóia o parlamentarismo, Ulysses não pretende aderir à defesa deste sistema. Aos líderes peemedebistas, ele disse que seria “danoso” às negociações se ele optasse por um dos dois sistemas. Mas o grupo saiu convencido de que Ulysses pode aderir formalmente.

Um passo nesse sentido seria a entrega oficial e formal na próxima terça-feira do abaixo-assinado com o apoio de 137 constituintes do PMDB (número que pode crescer) favoráveis ao parlamentarismo. Os coordenadores do documento estão buscando novas adesões, porque ainda não alcançaram a maioria da bancada (298 parlamentares).